

O PALÁCIO DA MOJIANA

(*)

Com a incumbência de falar hoje sobre este palácio ^{que} nos abriga, prédio suntuoso de rico e magnífico exterior que muito o valoriza, tenho a relembrar que, como encarregado da direção do Museu Histórico Campos Sales, criado por decreto governamental de agosto de 1956, há vinte e sete anos portanto, fui designado para dirigi-lo, sem qualquer remuneração, por ato do Secretário da Educação e Cultura, publicado no Diário Oficial do Estado de oito de setembro de 1969, há catorze anos.

Como do Museu só existia o decreto que o criou, tratei logo de obter para ele uma sede, e em audiência ^{com o} do Governador do Estado, consegui este prédio onde estamos, aos três de agosto de 1972, e dele me apossei em seguida, permanecendo em luta contínua para montar o Museu, mas sempre encontrando, na própria Secretaria de Estado, uma força misteriosa que impedia a sua montagem. Labutando nesta ingrata incumbência até aos primeiros meses do ano de 1979, início de um novo governo, sentindo a permanência da mesma força oculta, desliguei-me, desanimado e por carta, desta direção na qual me mantive, sem proventos, por quase dez anos.

O fruto dos meus esforços foi a permanência do palácio a serviço da Secretaria de Cultura do Estado, nos últimos anos ativado com as funções da Delegacia Estadual de Cultura. Mas olvidando o passado, devo agora discorrer sobre o prédio nobre que se impõe pelo seu valor arquitetônico.

(*) Palestra proferida na Delegacia Regional de Cultura do Estado de São Paulo, Campinas, em 29-12-1983.

Em nosso país, desde a década de 1830, surgira o interesse pelas ferrovias com seus passos gigantes no sistema rápido de comunicação e transporte, inovação que prometia consideráveis vantagens ao Brasil, à sua produção, a seu progresso material.

Por 1850, Campinas já era produtora de café, e do melhor café brasileiro apresentado aos mercados consumidores europeus. Mas, se a produção crescia e se impunha como das melhores, o transporte ainda não avançava pelos métodos então mais modernos e em progresso na Europa, com o seu berço na industrializada Inglaterra.

O idealismo campinense já levava o poderoso senhor de engenho renovado em fazendeiro de café, além dos ~~xxxxx~~ limites do município, para estender a cultura cafeeira desbravando outras zonas do interior da província, de terras novas ainda fáceis de aquisição por inexploradas e prometedoras de remuneração farta.

Se Campinas atraía, pela abundância de produção, o novo meio de transporte, a ferrovia - as novas aberturas de fazendas interior a dentro, robusteciam o mesmo interesse e encorajavam as tentativas de desenvolvimento ferroviário, em germinação auspiciosa nas classes econômicas do país.

A companhia de estrada de ferro "Santos-Jundiaí", alcançava a última cidade em 1867, graças a capitais ingleses aplicados com estudos e iniciativas brasileiras dos últimos anos. Em 1868, um ano após, fundou-se em Campinas a Estrada de Ferro Paulista que partiria de Jundiaí para o interior da província, ligando-o ~~a xxxxxxxx~~ aos trilhos da companhia constituída pelos ingleses a partir do porto de Santos. A onze de agosto de 1872, chegava a Campinas o primeiro trem, repercutindo "pelas nossas belas campinas o férreo galopar", como disse Quirino dos Santos.

Neste mesmo ano de 1872, e também com capital exclusivamente nacional, fundou-se em nossa terra a Companhia Mojiana de Estradas de Ferro, visando estabelecer o contacto Campinas-Moji Mirim, rapidamente ultrapassado. E a Companhia Mojiana que visava a sua zo-

na de influência comercial, - o norte de São Paulo e o sul de Minas, - cresceu rápida^{do} consolidando e desenvolvendo o vasto campo que objetivava, exuberante no Império, com época de bonança marcante da segunda metade do século ^{XIX} dezanove. Avançou a Companhia Mojiana pelas províncias de São Paulo e Minas, interior a dentro, ligando o porto de Santos com a Franca do Imperador para, após, penetrar o triângulo mineiro em busca do sul de Goiás, num abraço do oceano com o coração do Brasil, formando a corredeira pela qual fluía o "ouro verde", o café paulista da exportação brasileira.

Se a Companhia Paulista de Estradas de Ferro tinha sua sede na capital da província, a Companhia Mojiana fixou sua sede na "Capital Agrícola", como então era chamada a progressista Campinas; e aqui se tratou de dar à rica empresa uma sede condigna de seu progresso. E vencida a grande crise da febre amarela, entendeu a Companhia Mojiana de reconstruir os prédios ocupados pela sua diretoria e escritórios, onde se reuniam todos os seus serviços de direção, já localizados em toda a quadra da rua Visconde de Rio Branco, limitada pelas ruas-travessas, Campos Sales e General Osório.

Nesta época evoluía a arquitetura de Campinas, com a introdução de novo estilo arquitetônico implantado por italianos que se estabeleceram em nossa cidade, desde o grande fluxo populacional de braços para o trabalho, mas, também de artistas e intelectuais que visavam um futuro na terra promissora do Brasil, com cursos em cidades de suas origens, no país onde tudo é arte, desde os velhos tempos do poder romano com a perenidade de sua arquitetura, de seus templos, de seus aquedutos, de seus arcos; com a eternidade de sua pintura, da qual basta lembrar dois nomes universais - de Miguel Ângelo, pintor, escultor, arquiteto e poeta, e Leonardo da Vinci, pintor, escultor, arquiteto e sábio - ~~com todos os aspectos de interesse para Campinas, desde então - de quem se necessita ter um original em esta cidade~~

A história da arquitetura em Campinas, teve seus períodos bem marcados, especialmente nos grandes prédios, - os sobradões residenciais dos agricultores ricos. Iniciaram-se ~~xx xxxxxxxx xx~~ com os

sobrados de grandes beirais dos seus telhados, beirais que defendiam as suas paredes de taipa contra as águas de chuva, pois a taipa de vida interminável, só tem por inimigo a humidade. Neste primitivo estilo, Campinas ainda possui o sobrado da rua Barão de Jaguará esquina de General Osório, com seu andar superior em parte restaurado e conservado o extenso gradil em sua fachada inteira nas duas faces.

Deste estilo passou, já na segunda metade do século ^{XIX} dezanove, para o estilo das platibandas decoradas com azulejos, vasos e estátuas, como o conservado palácio dos Azulejos, resguardado pelos cuidados de seus responsáveis. Das platibandas, passaram os prédios para o neoclassismo, iniciado por Próspero Belinfanti, ^{que possuía} com curso de belas artes na Itália, de onde veio e de onde ^{hoje} trouxe esta arquitetura, aqui construindo o belo palácio, ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ demolido, hoje, que o construtor vendeu a Custódio Manuel Alves que nele residu, assim como mais duas gerações de seus descendentes, pelo que o chamamos de palácio dos Alves.

Foi o bom gosto e o talento latino que aspirou para Campinas um palácio renascentista, construção de um filho do Lácio, e que com o palácio Itapura, obra do engenheiro Luís Pucci, que pelo nome dispensa dizer que veio da Itália, formando um trio renascentista com o terceiro, o palácio da Mojiana; este palácio ~~em lado de~~ onde nos reunimos hoje, de arte italiana devido ao talento dos irmãos Mazini, arquitetos projetistas e construtores da nova sede da Companhia de Estradas de Ferro Mojiana.

Este palácio da Mojiana, de lindo exterior, se divergem ^{seu} em datas de sua construção, as crônicas que lhe quiseram traçar a história, possui um majestoso salão nobre, no corpo central, com decoração de alto valor e assinada por Michele Senafre e datada de 1891. Assim, do projeto, da construção inicial, ~~da construção~~ ~~inicial~~, da construção do salão ou de sua decoração, seja uma ou qualquer outra, temos um marco datando a realização grandiosa, o terceiro palácio de estilo neoclássico, ainda íntegro nos seus dois corpos restantes, livres da picareta demolidora que nos fez perder

o primeiro deles, o palácio dos Alves, e da deturpação arquitetônica que desclassificou o segundo, o palácio Itapura.

Este palácio ~~xxxxxx~~ onde estamos reunidos, se construiu em três atapas, uma para cada corpo: o primeiro foi o central, ligando aos dois outros, formando um só exterior majestoso em sua escultura de colunatas, balcões com balaustradas, aberturas graciosas de vergas em semicírculos e grandiosidade, ou vergas retas coroadas e bases de balaustradas de vedação ou decoração, como teve o palácio dos Alves, na luxuriante arquitetura embelezadora; o segundo foi o torreão da esquina da rua Campos Sales, o mais luxuoso, com escadaria de mármore de Carrara, o que abrigou a diretoria da companhia e escritórios de maior importância. E o terceiro corpo construído, igual ao segundo, foi o torreão da esquina oposta, da rua general Osório. É o que se conclui do noticiário e da figura estampada à página 195 da obra "Retratos da Velha Campinas", autoria do historiador José da Castro Mendes, pintor de mérito e músico.

Foi deste palácio que se comandou, por muitos anos, a ~~xixx~~ vitoriosa Companhia Mojiana de Estrada de Ferro, enriquecendo o Brasil na movimentação comercial do século, até sua incorporação à Fepasa, Ferrovias Paulistas Sociedade Anônima, que reuniu as maiores companhias deste transporte, fixada na Capital do Estado toda a sua administração.

Mas se trago para aqui memórias da arquitetura que participou da vida e crescimento de Campinas, nesta nossa reunião de intelecto, neste encontro de arte, sob a direção de uma artista ^{que} se encarna em Diretora da entidade, que me eleva concedendo uma venera de alto valor, seria imperdoável, depois de falar da cooperação italiana para a arquitetura campinense, olvidar que também na música a colaboração italiana ^{foi} nos deu um Carlos Gomes, talento que se lapidava nas escolas do berço da ópera, a Itália, onde todos são músicos, onde nascem já cantores consumados, e ~~xxxx~~ de onde, por antepassados, veio a nossa delegada de cultura, também artista de alto quilate que, confirmando seu sangue, é elemento de cúpula operística de nossa terra, pelo ~~talento~~ talento, pela cultura musical com a voz maviosa e cultivada que a faz estrela de primorosos dotes, e a quem devo a honra do presente agradecimento,

e a quem apresento a minha gratidão pela homenagem que aqui estou recebendo.

Campinas, Delegacia da Cultura do Estado,

29 de dezembro de 1983.